

Novos horizontes antropológicos: indivíduo, cultura e globalização

Thaís de Oliveira Tessarotto

(Aluna do Curso de Ciências Sociais da UFPB)

A Antropologia tem como objeto de estudo o conhecimento do homem e os elementos que influenciam na construção do pensamento humano, desde sua origem enquanto sujeito atuante e transformador, até o surgimento das noções de indivíduo e estrutura social. A Antropologia é uma ciência que na sua origem utilizou um discurso conservador e dominante, e fez um longo caminho até que surgissem novas tendências de pensamento e de se fazer à ciência antropológica, deixando o seu caráter conservador e passando a assumir um caráter mais crítico em suas análises sociais. No contexto atual a Antropologia demonstra seu interesse e compromisso em procurar entender a condição humana na conjuntura mundial globalizada, onde surgem novos elementos sociais que influem e alteram a vida do homem moderno, fazendo uma análise crítica do processo capitalista contemporâneo e as conseqüências para o mundo social.

É dessa nova perspectiva que a Antropologia moderna se utiliza para interpretar as diferentes formas de vida bem como da influência que

recebe da modernidade. E de onde, conforme Simmel (1998), é possível estabelecer a diferença entre a sociedade antiga e a sociedade moderna.

Na sociedade antiga, o homem vivia em comunidade e sua personalidade era influenciada por interesses práticos e sociais, com base em uma economia natural, enquanto na sociedade moderna surge a economia centrada no dinheiro em que há um caráter objetivo nas relações sociais, havendo autonomia da personalidade uma vez que o dinheiro se impõe entre a posse e o proprietário. Com isso, a modernidade faz a ruptura do sujeito e o objeto, do sujeito e a posse, como fruto do processo de diferenciação presente nessa economia.

A modernidade desenvolve, portanto, a economia do dinheiro, que fornece um caráter impessoal às atividades e relações sociais, conferindo-lhes um caráter efêmero, havendo um dado objetivo, o lucro, formando, assim, uma totalidade objetiva, ou seja, a sociedade moderna segue conforme um padrão, o monetário. "A atividade se mostra totalmente objetiva e independente diante de um acionário singular" (SIMMEL, 1998, p. 25).

A modernidade influi, dessa forma, na cultura à medida que desenvolve o dinheiro, que padroniza e tudo nivela, estabelecendo o interesse comum ou uma comunidade totalmente universal, globalizada. A cultura moderna gesta uma nivelção social, com a independência da pessoa enquanto indivíduo autônomo. Tudo fruto, no entanto, da conhecida divisão do trabalho que, como se sabe, instituiu o pagamento em dinheiro, refletindo diretamente na personalidade, que passa a ser moldada através de "... algo totalmente abstrato e livre de toda relação interna com o indivíduo" (SIMMEL, 1998, p. 29).

A liberdade se entende como a liberdade de escolha, de comprar e vender o que estiver disponível nessa cultura baseada no dinheiro. O que acaba por permitir uma substituição dos valores qualitativos pelos

quantitativos que, muitas vezes, promove uma desvalorização ou desigualdades incontornáveis. A motivação do homem moderno resumir-se-ia, então, ao ganhar dinheiro, entretanto, em sociedades em contato com a cultura ocidental, mas ainda mantendo formas culturais diferentes da sociedade ocidental, onde a idéia do dinheiro inaugura o individualismo, parece haver, exceções à regra. Geertz em sua análise da sociedade javanesa afirma, por exemplo, que nela “o homem racional, prudente, sábio, não luta pela felicidade, mas, por um desprendimento tranqüilo que o liberta de suas infundáveis oscilações entre gratificação e frustração (GEERTZ, 1978, p. 153)

Na perspectiva das sociedades ocidentais, contudo, a união e a relação entre indivíduos são decorrentes do interesse monetário e geradoras de impessoalidade. Há uma inserção em uma rede de ligações, em uma integração promovida pela vida moderna devido à divisão do trabalho e da dependência entre os indivíduos dela proveniente, e onde, “... o dinheiro estabeleceu um nível de interesse comum e abrangente” (SIMMEL, 1998, p. 27). Com isso, fica clara a divergência no padrão monetário que, ao mesmo tempo em que favorece a liberdade e a reunificação no interesse monetário, aproximando os indivíduos, promove a individualidade e sentimento de independência, ou seja, à distância entre os indivíduos. O individualismo assume um caráter específico que é o do desinteresse pela individualidade do outro, influenciando largamente a cultura social. Para Simmel (1998, p.39) “... a economia monetária regula a totalidade dos movimentos simultâneos da cultura, incluindo, também, os mais remotos”. (...), “... a formação da vida econômica influencia deste modo, profundamente, a situação psíquica e cultural de uma época”.

Segundo Simmel, foi a renascença que produziu a individualidade ao estabelecer um padrão social, cujos traços marcantes são a liberdade pessoal, a singularidade própria de cada um e a auto-responsabilidade.

Liberdade que tem a livre concorrência como ordem natural "...o valor de cada indivíduo tem seu fundamento nele próprio, na sua auto responsabilidade, com isso, no entanto, naquilo que tem em comum com todos" (SIMMEL,1998,p.112). Dessa forma, Simmel desenvolve o conceito de individualidade enquanto padrão de igualdade universal, o que não se configura como algo absoluto, pois a sociedade moderna, com a divisão do trabalho gerou a desigualdade.

Dumond (1985), diferente de Simmel procurou saber as origens do individualismo não a partir da Renascença, mas através do estudo das primeiras comunidades cristãs. Para ele, o individualismo moderno é fruto da evolução do cristianismo até os dias atuais. Dumond, utilizando o método comparativo entre o renunciante indiano e os cristãos, expõe que há dois tipos de sociedade: uma individualista, em que o indivíduo constitui um valor supremo e outra holista, onde o valor se encontra na sociedade como um todo.

Sendo assim, Dumond observa que na Índia a sociedade depende da interdependência entre as pessoas, porém, há instituições que apóiam a renúncia ao mundo. Nestas parece se produzir um pensamento semelhante ao do homem moderno. Na verdade, o indivíduo-fora-do-mundo, na análise dumoniana, é mais universal, um ser da natureza, porém, esse renunciante, mantém uma relativa comunicação com os demais indivíduos sociais, pois "o renunciante depende deste mundo para a sua subsistência, (...), é ele quem instrui o homem no mundo" DUMOND, 1985, p.38). Dumond utiliza o exemplo indiano do renunciante, fazendo uma análise comparativa com base nos estudos de Ernst Troeltsch um sociólogo da Igreja, o mesmo autor, concluiu que um homem cristão é um indivíduo em relação com Deus, ou seja, um indivíduo fora-do-mundo. Há, deste modo, o individualismo absoluto e o universalismo absoluto em relação a Deus e, conseqüentemente, a medida em que existe uma valorização do indivíduo,

há também uma desvalorização do mundo. A adaptação a esse mundo no pensamento ocidental, então, ocorreu quando os primeiros cristãos criaram as instituições terrenas através das concepções extramundanas, ocorrendo também uma união entre a Igreja e o Estado, fruto das Monarquias.

A Igreja passa, então, a atuar de modo mais intenso no mundo e o indivíduo recebe agora a missão de ter um certo compromisso com o mundo, ou seja, houve uma transformação do indivíduo-fora-do-mundo. Nesse contexto surge o calvinismo que enfatiza o indivíduo-no-mundo e o valor individualista, porém esse individualismo é limitado pois há uma sujeição do escolhido por graça de Deus, o que Calvino chama de predestinação. A Igreja de Deus é construída na terra graças à ação dos eleitos, daí, Dumond usar a expressão intramundandade ascética para algo que é imposto. É em decorrência desse fato que surge o artificialismo moderno, em oposição a extramundandade, que representa a vontade individual

Geertz (1978) afirmou que a cultura seria um sistema simbólico, a partir do desenvolvimento dos conceitos de ethos e visão do mundo, em seus estudos sobre a religião e sua influência na construção da cultura e valores de um povo. Nestes estudos, estabelece a diferença entre o mundano e o sagrado, considerando-os instrumentos de orientação da conduta humana. Para ele, "... a religião fundamenta as exigências mais específicas da ação humana, nos contextos mais gerais da existência humana" (Geertz, 1978, p.143). A partir deste contexto vai definir ethos como um conceito que apresenta aspectos morais, estéticos e define os valores sociais de uma cultura específica, e a visão de mundo como aquele que possui os aspectos cognitivos existenciais. A religião, assim, enquanto categoria que influi na estrutura social, conserva ou estabelece significados gerais, pelos quais o indivíduo interpreta sua experiência e se conduz na sociedade. Esses significados se expressam, no entanto, através de

símbolos que, no caso da religião, são símbolos sagrados que fornecem um sentido ao real. Para Geertz, porém, o número de símbolos é limitado, por isso, existe uma tendência de sintetizar a visão de mundo e o ethos em um só nível. O que significa dizer que o sistema religioso, via símbolos sagrados, fornece e desenvolve um conhecimento das condições em que a vida se desenvolve.

Dessa forma, pode-se dizer que a religião apresenta uma conduta satisfatória, seguindo o senso comum, ou seja, a religião é sentida como um meio de reunir as pessoas em uma idéia comum a todos, combinando o estilo de vida de um povo e a realidade em que está inserido.

Geertz destacou a influência do teatro como forma de expressar da visão de mundo e do conhecimento de um povo. Como exemplo, cita o teatro de bonecos presentes em várias sociedades, dentre elas a sociedade javanesa, que apresenta um teatro de bonecos chamado Wajang. Nele é demonstrado que a ação humana é fruto da experiência emocional do indivíduo, utilizando assim, de uma espécie de psicologia metafísica, através dos enredos que tematizam no teatro e da expressão rasa que indica a vida conforme o sentimento e significado de uma ação, ou seja, através de “uma análise empírica da percepção interior representa ao mesmo tempo uma análise metafísica da realidade exterior” (GEERTZ,1978,p.152).

Sahlins (1997 e 1997a) utiliza a cultura como objeto de estudo antropológico, e declara que é através da cultura que se produzem o valor e o significado em uma sociedade havendo, assim, a organização da experiência e ação humana através de meios simbólicos, o que fornece um sentido às ações dos indivíduos.

Ao destacar a importância da cultura, denuncia a ameaça moderna à cultura tradicional, pois há uma tendência de nivelamento das culturas. Para ele, a modernidade junto com a globalização provoca a

aculturação, uma vez que estabelece um padrão cultural único ao defender uma linguagem universal e acultural. As comunidades a ele incorporado perderiam o seu caráter específico, alterando muitas vezes as tradições e valores mais antigos. Apesar disso, o autor afirma que vários povos têm contraposto conscientemente sua cultura às forças do imperialismo ocidental.

Sua pesquisa está voltada para a análise cultural dos países insulares e também de algumas comunidades históricas isoladas, e a consequência da modernidade capitalista e posteriormente a globalização na vida desses povos. Sahlins cita autores que demonstram que apesar dessa influência globalizadora, muitas sociedades mantêm viva suas tradições, fruto da consciência cultural do povo, havendo, dessa forma, um compromisso com a cultura tradicional. Demonstra, também que diferente do que alguns estudiosos pensam, as sociedades tradicionais, consideradas "atrasadas", apesar de apresentarem alguns problemas relacionados ao social e ao econômico, em relação ao padrão ocidental possuem uma grande riqueza cultural, e mantêm um intercâmbio com o mundo, ao saírem de seus países em busca de oportunidades, ou mesmo de comercializar com os países vizinhos, mas destaca o diferencial que, apesar da distância que esses migrantes têm em relação com seu país de origem, mantêm forte os vínculos culturais, a sua identidade, em meio às influências da globalização. Daí receberem o nome de sociedades transculturais dispersas, transcultural porque recebe influência de outras culturas, e dispersa porque é a condição de seu povo em meio às necessidades de sobrevivência e de migrantes em um mundo globalizado.

Tendo em vista à temática do individualismo e da cultura pode-se dizer estes são temas instigantes, a medida em que vivenciamos essa nova realidade desafiadora para os pesquisadores. Os estudos acima expostos tratam de algo que rompe com a estrutura social anterior à modernidade,

sem excluir em definitivo todos os traços sociais, pelo contrário, mantendo-os em muitos aspectos, desde sua origem remota, mesclando-os, contudo, às inovações tecnológicas e às mudanças no padrão de vida, em um jogo que suscita dúvidas e questões novas em relação à qualidade dos acréscimos. Parece haver, então, um nítido contraditório, que consiste em promover o individualismo ao mesmo tempo em que desenvolve a divisão do trabalho e a dependência entre os indivíduos, trazendo profundas mudanças e aumentando a insegurança nas relações entre os indivíduos que tendem à uma transitoriedade e ligações fragilizadas, resultante da valorização das relações capitalistas em detrimento da subjetividade do indivíduo. Enfim, é nesse contexto em que o homem moderno vive, que se abre um espaço privilegiado para a antropologia, enquanto ciência, entender e explicar os fenômenos sobre os quais se debruça nesta nova realidade social de globalização e, portanto, para se fazer apto e crítico para repensar a si próprio e o mundo atual.

Referências Bibliográficas:

GEERTZ, Clifford. "Ethos, Visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados". In, **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

SIMMEL, Georg. "O indivíduo e a liberdade". In, Jessé Souza e B.Oëlze, orgs. **Simmel e a modernidade**. Brasília, Editora da UNB, 1998, pp.119 a 117.

SIMMEL, Georg. "O dinheiro na cultura moderna". In, Jessé Souza e B. Oëlze, orgs. **Simmel e a modernidade**. Brasília, Editora da UNB, 1998, pp.23 a 40.

DUMONT, Louis. "Do indivíduo-fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo". In, **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Capítulo 1, Rio de Janeiro, Rocco, 1985.

STOLCKE, Verena. "Gloria o Maldición del Individualismo Moderno según Louis Dumont". **Revista de Antropologia**, v.44, n.2, pp.7 a 37. 2001

SAHLINS, Marshall. "O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção". Parte I. **Mana**, v.3, n.1, pp. 41 a 73, 1997.

SAHLINS, Marshall. "O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção". Parte II. **Mana**, v.3, n.2, pp.103 a 150, 1997a.

Resumo:

A temática deste artigo se concentra na relação entre o individualismo e a cultura, elementos presentes nas sociedades atuais, conteúdo muito discutido na Antropologia contemporânea e que fornece novas perspectivas metodológicas e analíticas com relação à atuação e influência desses elementos na vida do homem moderno. A Antropologia moderna utiliza-se de mecanismos inovadores, diferentes da visão conservadora da antropologia voltada para o pensamento dominante, ao criar novos paradigmas, com forte desenvolvimento crítico para com o padrão social que surge com a modernidade, e seu determinante no que diz respeito ao desenvolvimento do individualismo, sua influência e conseqüências nas culturas tradicionais, às visões de mundo com suas explicações no que se refere ao indivíduo e a sociedade, o indivíduo e sua subjetividade nesse contexto. Este artigo pretende expor o pensamento de alguns pesquisadores como Clifford Geertz, Georg Simmel, Louis Dumond, Marshall Sanlins com relação a essas temáticas. Geertz utiliza informações empíricas no estudo sobre a cultura, entende a cultura como um sistema simbólico, desenvolvendo os conceitos de "ethos" e "visão de mundo",

demonstra como diferentes povos interpretam o mundo atual, enquanto Simmel trabalha a diferença existente entre a sociedade na Idade Média e na Idade Moderna, com o surgimento da economia do dinheiro e a influência deste na formação do homem moderno, Dumont busca em seus estudos a origem do individualismo, Sahlins aborda a cultura tradicional como um elemento influi e persiste no mundo moderno.

Palavras-chave: individualismo, cultura, modernidade.